



**Fazer pesquisa em circulação: apontamentos sobre
procedimentos metodológicos em observações de grupos de
WhatsApp¹**

**Conducting research in circulation: notes on
methodological procedures in group observations on
WhatsApp**

Diosana Frigo²

Luan Moraes Romero³

Viviane Borelli⁴

Resumo: O objetivo é descrever procedimentos metodológicos que nos auxiliem a refletir sobre fazer pesquisa em circulação no contexto da observação de grupos no WhatsApp. Apontamos caminhos para o prosseguimento da pesquisa sobre o que circula nos grupos em relação à pandemia do Covid-19. Descrevemos e avaliamos os processos de pesquisa realizados: coleta e tratamento; análise e interpretação dos dados. Abordamos os procedimentos de análise, as problemáticas de inferência, bem como as pistas metodológicas. Investimos nos apontamentos de Becker (1997) sobre a articulação metodológica, de Braga (2017) sobre a noção de episódio comunicacional e em Lebart et al. (1998) sobre a abordagem lexicométrica. Há necessidade de construir um olhar crítico sobre a pandemia, com aspectos da vida e dos grupos de WhatsApp.

Palavras-chave: Circulação; Covid-19; WhatsApp.

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (POSCOM), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mestra em Comunicação Midiática pelo mesmo Programa. Formada em Comunicação Social – Hab. Jornalismo e em Ciências Econômicas pela UFSM. E-mail: diosanafrigo@gmail.com

³ Jornalista formado pela UFSM, mestre e doutorando em Comunicação pelo POSCOM-UFSM. E-mail: luan1648@gmail.com

⁴ Professora do POSCOM-UFSM, doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos, realizou estágio Pós-Doutoral na Universidade Nova de Lisboa em 2016 com Bolsa Capes. Jornalista (1999) e Mestre pela UFSM (2002). Líder do grupo de pesquisa do CNPq “Circulação midiática e estratégias comunicacionais”. E-mail: viviane.borelli@ufsm.br



Abstract: The goal is to describe methodological procedures that help us reflect on doing research in circulation in the context of observing groups on WhatsApp. We point paths for further research on what circulates in the groups concerning the Covid-19 pandemic. We describe and evaluate the research processes carried out: collection and treatment; analysis and interpretation of the data. We address the analysis procedures, the inference problems, as well as the methodological clues. We invest in Becker's (1997) notes on the methodological articulation of Braga's (2017) notes about the notion of the communicational episode and in Lebart et al. (1998) notes on the lexicometric approach. There is a need to build a critical look at the pandemic, with aspects of life and WhatsApp groups.

Keywords: Circulation; Covid-19; WhatsApp.

1 Introdução

O artigo observa os procedimentos que foram realizados em uma pesquisa específica, a qual tem investigado a circulação de discursos em grupos de WhatsApp sobre a pandemia ocasionada pelo Covid-19⁵. Com a expansão mundial do uso de plataformas digitais (VAN DIJCK et al., 2018), o WhatsApp foi uma ferramenta intensamente utilizada para troca de afetos e também de informações no período de isolamento social. Cabe mencionar que para ter acesso aos materiais dos grupos assim como para preservar a identidade dos participantes da pesquisa ampla foi utilizada a técnica bola de neve baseada em Becker (1997).

De maneira teórica, a ideia é fazer um resgate teórico sobre as pesquisas em circulação e sobre as pesquisas que utilizam métricas, com o intuito de avançar na discussão da pesquisa da pandemia. Para isso, podemos nos apoiar nas reflexões de

⁵ Tal estudo está sendo realizado desde o início da pandemia por integrantes do grupo de pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (Cimid), dentre eles estão os autores do artigo.



Becker (1997) sobre a articulação metodológica, em Braga (2017) com a noção de episódio comunicacional e em Lebart et al. (1998) sobre a abordagem lexicométrica. A fim de dar movimento à articulação do artigo, estabelecemos como questões de horizonte: quais movimentações metodológicas são possíveis de serem efetuadas com os dados textuais aos quais temos acesso? Quais métricas podemos utilizar já presentes na literatura? Quais podemos criar com base em nossa pesquisa particular? Como objetivo geral, pretende-se descrever o delineamento metodológico empreendido durante a pesquisa realizada em grupos de WhatsApp para refletir sobre procedimentos metodológicos que nos auxiliem a fazer pesquisas em circulação no contexto da observação de grupos do WhatsApp. A partir desse movimento, conseguimos apontar possíveis caminhos para o prosseguimento da pesquisa. Como objetivo específico propomos apresentar considerações iniciais sobre o processo da pesquisa, para explorar de maneira reflexiva cada etapa efetuada, a saber: coleta, tratamento, análise, interpretação e problemáticas de inferências.

Assim sendo, o artigo encontra-se estruturado em duas divisões de cunho mais amplo. A primeira traz apontamentos sobre a base teórica na qual o estudo está alicerçado. Já a segunda parte é composta pela descrição dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa sobre a circulação de discursos em grupos de WhatsApp sobre a pandemia, bem como as reflexões acerca de cada etapa realizada ou em andamento.

2 Estudos em circulação e articulações metodológicas

Neste primeiro momento faremos uma breve revisão sobre os estudos em circulação para problematizar a diversidade epistêmica, o que nos leva a buscar também diversificar as articulações metodológicas para dar conta de sistematizar os empíricos observados. Assim, apresentamos tanto as discussões tentativas de Grohmann (2020) como as de Fausto Neto (2018) que traçam aproximações e distanciamentos entre os diferentes estudos que se pautam por evidenciar a problemática da circulação. A partir



disso, refletimos sobre as estratégias de integração entre diferentes metodologias para sistematizar os dados empíricos e possibilitar reflexões tentativas para tais fenômenos.

Desse modo, para Grohmann (2020), é possível de maneira tentativa aglutinar os diferentes estudos em circulação em perspectivas de pelo menos três horizontes teóricos: as que se pautam a refletir a partir de uma perspectiva culturalista em sincronia com os estudos culturais, como fez Depexe (2015) ao problematizar a noção de representação de classe social a partir dos sentidos em torno de “piriguete” em tweets relacionados à novela *Salve Jorge*. Também há investigações que buscam alinhar as reflexões sobre a circulação do capital com a circulação de sentidos, como o próprio Grohmann (2021) faz ao alinhar estudos marxistas com os fluxos de dados em redes sociais digitais e como Bier (2016) propõe discutir a circulação através da crítica ao poder atribuído ao montante de dados digitais que circulam diariamente. Por fim, temos aquelas que dialogam com as análises sociodiscursivas trazendo diferentes contribuições para pensar os estudos em Comunicação, tais como as desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa Cimid e na qual também se filia a investigação proposta sobre os discursos sobre a pandemia que circularam em grupos de WhatsApp.

Assim, se do ponto de vista de horizonte teórico escolhido já se faz uma limitação sobre quais problemáticas enfrenta-se, é importante refletir junto com Fausto Neto (2018) quando este aponta os diferentes momentos e as possíveis angulações quando consideramos o contexto latino-americano. Para o autor, os questionamentos emergem na obra de Eliseo Verón em distintos momentos e, em um primeiro momento, aborda a circulação como um espaço de defasagem discursiva (VERÓN, 2004) imbricado entre a produção e a recepção, remontando o clássico paradigma informacional. Contudo, Verón já avistava as complexidades desse espaço, como destaca Fausto Neto (2018, p. 15), em que problematiza a circulação indo além de uma “zona de passagem”, sendo muito mais que um “elo intermediário”.

Ao longo de sua produção acadêmica, o semiólogo argentino atualizou suas concepções diante da diversidade das realidades comunicacionais que observava. Em seu último livro, Verón (2013) refere que não seria mais possível considerar a



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

circulação somente como um lugar de defasagem, um lugar de passagem entre produção e reconhecimento, já que observava lógicas de acoplamentos estruturais⁶ que complexificam essas relações. Para o autor, a problemática assumia nova roupagem quando se fazia a junção do discursivo com a teoria dos sistemas sociais proposta por Niklas Luhmann.

Se Verón encaminha a complexidade da circulação por uma perspectiva sistêmica, outros autores reelaboram a noção de circulação em outros horizontes. Rosa (2019), que também se filia a discussão veroniana da circulação, elabora um desloque para compreender os lugares de valoração das imagéticas, problematizando diferentes lógicas que fazem com que determinada imagem siga ou não em circulação, evidenciando um espaço de disputa de valores. Já Carlón (2018) pauta suas análises sobre os fluxos comunicacionais de maneira ascendente, quando as notícias partem das redes sociais digitais para “meios massivos” (como nomeia o autor). Os fluxos ocorrem de modo descendente quando partem destes em direção às redes digitais. Para ele, os fluxos em circulação podem, ainda, ocorrer de forma horizontal entre os usuários de determinada rede. Tal estratégia analítica, também pode servir para evidenciar sentidos em disputa, mas abre espaço para perceber também lógicas de articulação entre diferentes redes sociais digitais ou plataformas midiáticas.

Já Braga (2017) problematiza a circulação a partir da incorporação da noção foucaultiana de dispositivo, que em sua visada comunicacional seria um dispositivo de interação. Dessa maneira, apoiamo-nos na concepção de Braga (2017) que elabora uma teoria intermediária sobre os episódios, dispositivos de interação e circuitos comunicacionais. Consideramos que uma das contribuições dessa articulação teórica é a possibilidade de utilizar metodologias a partir de um paradigma indiciário, proposto por Ginzburg (1989) e discutido por Sebeok e Umiker-Sebeok (2004)⁷. Ambos

⁶ Tais reflexões foram baseadas nas investigações do sociólogo alemão Niklas Luhmann, especialmente na obra LUHMANN, Niklas. **Social Systems**. Stanford. Stanford University Press, [1984] 1995.

⁷ Não cabe aqui uma discussão mais profunda das obras dos autores mas, sinteticamente, destacamos que Sebeok e Umiker-Sebeok (2004) problematizam o método adotado por Charles Peirce e por Sherlock



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

problematizam que para a construção do conhecimento é necessário seguir vestígios, sinais e revelações que, muitas vezes, manifestam-se nos pormenores e nos detalhes e que acabam passando despercebidos.

Os autores inspiram Braga (2008, 2017) a refletir sobre os estudos em Comunicação por meio de uma perspectiva inferencial. Para o autor, é a inferência que “permite atualizar o código, exercê-lo para além de um processo mecânico de codificação/decodificação, que não faria mais que transmitir informação” (BRAGA, 2017, p. 31). Com base nessa perspectiva, Braga (2017) concebe que a comunicação se dá por meio de processos inferenciais entre atores sociais que compartilham códigos em comum.

Dessa maneira, para o autor, a formação de dispositivos interacionais ocorre a partir de uma reiteração estratégica de tentativas de compreensão mútua no tecido social. Os episódios comunicacionais seriam a ordem da materialidade e da singularidade das trocas. Braga (2017) utiliza como exemplo as aulas: se fossem sobre um determinado assunto seriam algo da dimensão do dispositivo, já a materialidade do encontro do professor com seus alunos em uma única aula seria seu episódio. Dessa maneira, para ele, o circuito comunicacional seria constituído a partir da articulação entre diferentes dispositivos que se entrelaçam.

Seguindo tais compreensões, Borelli e Kroth (2020) desenvolveram pesquisa em que discutem as reconfigurações do dispositivo radiofônico diante da emergência da circulação e da complexificação do processo de midiatização da sociedade. Já Frigo et al. (2019) articularam a noção de dispositivo interacional (BRAGA, 2017) com a de plataforma (VAN DIJCK et al., 2018), evidenciando a necessidade de haver códigos e inferências para a constituição de um arranjo disposicional de interação (BRAGA, 2017).

Holmes, que se baseiam no olhar dos pequenos fatos e das especificidades. Para eles, só depois de colher uma série de indícios é que será possível fazer inferências. Já Ginzburg (1989, p. 177) compreende que o paradigma indiciário ou semiótico acabou penetrando variados âmbitos do conhecimento “modelando profundamente as ciências humanas. Minúsculas particularidades paleográficas foram empregadas como pistas que permitiam reconstruir trocas e transformações culturais”.



Dessa forma, a pesquisa em desenvolvimento leva em consideração a diversidade das abordagens teóricas e também busca integrar metodologicamente diferentes táticas analíticas, como a inserção de gráficos gerados pelo software Iramuteq, considerando uma abordagem lexicométrica (LEBART et al., 1998) que também pode trazer pistas sobre os sentidos que circulam nos grupos. Essa abordagem já foi utilizada pelos pesquisadores do grupo para dar conta de integrar diferentes episódios comunicacionais em diferentes plataformas (ROMERO, 2021) e para tratar postagens e comentários em grupos vinculados ao movimento “#EleNão” (FRIGO e ROMERO, 2021). Contudo, investigações que façam a utilização do software de análise Iramuteq para pesquisar dados textuais advindos do WhatsApp ainda é algo pouco explorado na literatura disponível até a finalização deste artigo.

Com isso em vista, é importante conceber que, como Becker (1997) problematiza sobre as articulações metodológicas serem caminhos para resolver as problemáticas de pesquisa, a investigação nos grupos de WhatsApp mescla diferentes abordagens, como a prática observacional sobre as conversas no aplicativo, para uma posterior coleta de discursos que tenham relação com a pandemia, que são analisados tanto por perspectivas semiodiscursivas como também pela abordagem léxica já apresentada. Tais movimentos de articulação metodológica - tentativos, como diria Braga (2017) - são melhor descritos no próximo subtítulo.

3 O passo a passo da pesquisa e a experimentação metodológica

Cada pesquisa efetuada, seja ampla ou específica, seja coletiva ou individual, possui suas singularidades. O trabalho que vem sendo realizado desde o primeiro semestre de 2020 por participantes do grupo de pesquisa Cimid sobre a circulação de discursos em grupos de WhatsApp acerca da pandemia do Covid-19 suscitou algumas inquietações metodológicas. Assim, a fim de refletir sobre procedimentos possíveis em pesquisa de circulação em grupos de WhatsApp, descrevemos o percurso realizado até o momento.



3.1 Coleta e tratamento dos dados

A partir de reuniões e discussões de diferentes pontos de vista, sintetizamos algumas reflexões que pareciam pertinentes naquele momento inicial da pesquisa. Uma delas, referia-se à necessidade de padronização da coleta, ou seja, que todos os participantes inseridos no estudo, seguissem um manual com critérios específicos na atuação da coleta de materiais nos grupos do WhatsApp. Essa decisão foi tomada com o intuito de facilitar processos posteriores da pesquisa. Além do mais, possibilitaria a criação de arquivos para consultas futuras, isto é, de como tecnicamente o estudo foi sendo desencadeado.

Desse modo, inicialmente, realizamos um tutorial contendo um passo a passo de como deveria ser realizada a coleta. Tal documento foi construído no Word e compartilhado entre os integrantes da pesquisa. O protocolo de levantamento de dados, nome dado ao arquivo, continha uma primeira parte referente especificamente à coleta e armazenamento de dados. Nela, inserimos instruções de orientações gerais, tais como, que a coleta de informações relacionadas ao Covid-19 ocorreria por grupos no WhatsApp e mensagens recebidas no privado. Também que deveriam ser coletadas todas as informações enviadas de 1º de março de 2020 até a data final do recorte do *corpus* (ainda sem definição).

Na sequência, organizamos cinco momentos que deveriam ser seguidos sequencialmente por cada pesquisador ao realizarem as suas coletas. O primeiro passo indicava que um arquivo no Word (denominado de arquivo bruto e exemplificado no anexo do protocolo) deveria ser criado para cada grupo em que ocorreria a coleta. O arquivo seria inserido em uma pasta do computador pessoal. Em caso de grupos com grande número de comentários, poderiam ser criados arquivos de word para cada mês da coleta. O segundo passo instruí a inserção, no arquivo bruto, das conversas por meio de “copia e cola” de cada mensagem trocada no grupo. Na sequência das postagens, deveria ser inserido o print da tela de captura das mesmas. Assinalava-se que nos prints



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

era importante que aparecesse a denominação “encaminhado” e a hora da publicação. Já o passo três indicava que cada material coletado deveria ser identificado com a data em que foi postado, além de alguma identificação do interagente (como nome, número do telefone, etc). Essa coleta seria direcionada para o arquivo bruto iniciado pelo pesquisador e estaria dentro destas quatro categorias: áudio, vídeo, imagem e texto. O passo quatro orientava armazenar esses conteúdos em pastas no computador, ou seja, baixar os materiais, como áudios e vídeos, além de imagens e textos em PDF. Por fim, o quinto passo mencionava a inclusão dos dados no Drive da pesquisa por meio do preenchimento do formulário no Google.

A segunda parte do protocolo de levantamento de dados referia-se ao preenchimento do formulário do Google. Especificado didaticamente, de novo como passo a passo, cada pesquisador deveria: inserir o seu nome completo; marcar a plataforma WhatsApp; marcar os meses em que houve conteúdo publicado no grupo em que foi realizada a coleta; informar se a coleta foi realizada em grupo no WhatsApp ou foi recebida por mensagem privada; inserir o nome do grupo, número de áudios, vídeos, imagens e textos que foram encontrados no grupo pesquisado; inserir o arquivo bruto da coleta; inserir áudios, vídeos, imagens e textos (PDF, PPT) baixados anteriormente.

Já a terceira parte do protocolo de levantamento de dados trazia algumas sugestões para a coleta. Tais como: usar o WhatsApp Web para fazer a pesquisa nos grupos pelo computador; usar o mecanismo “Ferramenta de captura” do Windows para dar print somente do conteúdo que está sendo coletado; usar a ferramenta “Favoritos” do WhatsApp para salvar conteúdos e coletá-los depois; em caso de dúvida sobre determinado material, a indicação era sempre fazer a coleta.

Embora tivéssemos protocolo e formulário de pesquisa, especificando como realizar a coleta, alguns problemas foram sendo percebidos durante o percurso. Um deles diz respeito à coleta sequencial que não foi concretizada por todos os integrantes. Diversas questões podem ser atribuídas a tal problema, como o fato de a pandemia alastrar-se por um tempo indefinido e, sendo assim, não se tinha um horizonte de término da coleta. Outras questões que podem ser citadas referem-se às questões pessoais



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

e de saúde dos integrantes ou familiares que afetaram em diferentes níveis a continuidade de coletas em determinados grupos. Também existiam grupos com muitas mensagens diárias, o que tornava inviável manualmente a coleta sequencial por um grande período de tempo. Houve casos também de troca de número de WhatsApp e a consequente saída dos pesquisadores de determinados grupos.

Além de situações mais concretas como as apresentadas, cabe mencionar que todos os processos realizados foram sempre tentativos e experimentais. Não havia base teórica ou metodológica para tais movimentos de pesquisa que estavam sendo realizados. Ainda, cada pesquisador possui suas singularidades e subjetividades, o que pode contribuir para uma pesquisa coletiva, que manterá diferentes olhares, contudo, afetar na seleção dos dados, por exemplo. Essa discussão apresentou-se em momentos de definição sobre o que era a pandemia/Covid-19 e o que, então, deveria ser coletado. Essa interpretação foi sendo afinada no decorrer da pesquisa, quando percebemos que discursos sobre pandemia e Covid-19 não necessariamente estavam sendo falados explicitamente, mas, inclusive pela heterogeneidade dos grupos em questão, poderiam estar envolvidos com temáticas como política, saúde, humor, educação, esporte, religião e etc. Desse modo, as postagens são referentes à pandemia do Covid-19 em vários âmbitos que afetaram a vida dos integrantes dos grupos.

Com relação às questões técnicas, a partir do protocolo de coleta e do formulário, houve discussões sobre as melhores formas de coleta e armazenagem dos dados, já que em alguns grupos a quantidade de conversação foi intensa, inviabilizando retirar prints de cada conversa. Dessa maneira, foi elaborado um tutorial para os observadores efetuarem a coleta do arquivo texto diretamente do WhatsApp. Tal movimento, por um lado, beneficiou os observadores com grupos de alto volume de informações trocadas, contudo, nem todos seguiram essa perspectiva. E mesmo os observadores beneficiados tiveram que fazer uma leitura e limpeza posterior das informações nos arquivos textuais brutos. Ainda com relação a armazenagem das coletas optou-se por subir todos os arquivos para o Drive de e-mail criado pelo grupo de pesquisa.



Além disso, aventou-se a possibilidade de utilização do software de análise lexicométrica Iramuteq para através dos gráficos obtidos fazer inferências sobre as conversas. Com relação a limpeza e organização dos textos, foi escolhido um dos grupos com maior quantidade de conversação e, feita a supressão dos números de celular, organizou-se os textos, em um primeiro momento, a partir de marcos temporais, como primeira quinzena, dia e mês. As primeiras rodagens no software mostram poucos indícios, como também evidenciam pouca divergência textual - levando em consideração a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) -, contudo, é possível inferir que há uma grande quantidade de compartilhamento de links, assim como esses links vinculam-se ao presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. É necessário trazer mais reflexão sobre esse processo de tratamento dos dados textuais, para propor outras métricas a fim de descobrir quem são as pessoas que mais conversam no grupo e quais são os principais assuntos por pessoa.

3.2 Análise e interpretação dos dados

A partir de pistas observadas nos materiais coletados, foi iniciado o processo de análise - também ocorrendo por meio de movimentos tentativos e experimentais. Neste estágio inicial, em que informações foram coletadas de 17 grupos diferentes selecionados pela técnica bola de neve (BECKER, 1997), de março a julho de 2020, cerca de mil unidades discursivas. Cabe mencionar que tal amostragem não teve como função representar estatisticamente a circulação de informações nos grupos, entretanto, buscou-se pistas sobre temas e formatos dos conteúdos no WhatsApp. Além disso, qualquer postagem extraída dos grupos (imagem, áudio, vídeo ou texto) relacionada à pandemia do Covid-19 é considerada uma unidade discursiva, ou seja, não é feita distinção em relação ao formato, conteúdo, origem ou extensão. Ainda, as unidades discursivas foram categorizadas e centradas em dois eixos de observação, que são a forma e o conteúdo discursivo.



Em relação à forma, as unidades discursivas foram categorizadas do seguinte modo: a) formatos (vídeos, textos, áudios, imagens, etc); b) fontes (institucionais, não institucionais ou sem fonte conhecida); e c) dinâmicas de circulação (práticas dos interagentes em plataforma, como a escrita de mensagens ou o encaminhamento com ou sem comentários). Já quanto ao conteúdo, a análise foi realizada em dois movimentos. O primeiro caracterizou as mensagens trocadas em seis grandes grupos: a) noticioso; b) testemunhos; c) modelos de conduta; d) reflexivo; e) humor; f) crítico. Por sua vez, o segundo movimento, ainda em construção, busca levantar recorrências e pertinências temáticas.

Dessa maneira, a categorização do conteúdo discursivo denominado de noticioso refere-se especialmente a conteúdos informativos ou jornalísticos que circularam nos grupos de WhatsApp que abrangeram a pesquisa. Essa categorização é composta por: notícias, reportagens, decretos, comunicados e declarações oficiais, etc. É importante destacar que foi verificada também uma intensa circulação de desinformação, tais como *fake news*, informações imprecisas ou descontextualizadas.

A categoria de testemunhos teve ênfase no início da pandemia, pois não havia tanta informação sobre o vírus e portanto foram desencadeadas muitas especulações. Tais unidades discursivas são testemunhos tanto pessoais como de autoridades sendo disseminados em textos, vídeos e áudios em primeira pessoa - grande parte, vinham de pacientes e profissionais de saúde. Destaca-se também testemunhos sobre o impacto das medidas de controle, especialmente em relação à esfera econômica. Há, ainda, relatos de particularidades locais dos interagentes, por exemplo, os que contam a situação da sua cidade bem como das pessoas próximas.

No que tange ao modelo de conduta, terceira categoria de conteúdo discursivo, são textos escritos frequentemente de forma imperativa, indicando cuidados e protocolos de segurança em relação ao Covid-19, além de alternativas de tratamento e como lidar com as consequências da quarentena. Aqui estão presentes orientações de receitas caseiras sem comprovação científica ou baseadas em informações falsas. Unidades discursivas referindo-se à ingestão de chás e vinagre circularam intensamente.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

A quarta categoria, traz unidades discursivas em tom reflexivo sobre a pandemia e o impacto na humanidade. Nela estão incluídos conteúdos de espiritualidade, religiosos e de auto-ajuda. Há orações e práticas mágicas para a proteção contra o coronavírus, além de vídeos de líderes religiosos sobre a pandemia, trazendo a sua perspectiva individual e também da sua religião sobre o assunto.

Já a categoria de humor é composta por unidades discursivas que trazem o cômico ao falar do impacto da pandemia na vida de cada um e a situação do distanciamento social. Nesta categoria, observou-se que o humor é utilizado na tentativa de diminuição da tensão recorrente devido à situação extrema e inédita vivenciada, além do que é destacado o imbricamento entre pandemia, vida social, política e econômica em relação à rotina de isolamento social.

A sexta e última categoria apontada neste estágio da pesquisa com base nas pistas até agora observadas é a relacionada à crítica. Aqui estão destacadas unidades discursivas sobre a situação de afastamento social e as medidas tomadas para evitar a propagação do coronavírus. A crítica política é a que aparece com mais ênfase, especialmente dos interagentes em relação aos líderes políticos e instituições governamentais que adotam ou não medidas protetivas. Ressalta-se que as reações de apoio ou rechaço às declarações ou medidas realizadas pelas autoridades (presidentes, governadores e prefeitos) condizem com o cenário brasileiro de intensa polarização política (BRAGA, 2020).

Por fim, sobre as análises preliminares realizadas até o momento, pode-se dizer que as unidades discursivas são de diferentes formatos, há uma intensa circulação de conteúdos de fontes não oficiais, institucionais ou de autoria desconhecida - indícios de desinformação e *fake news* -, bem como a predominância de mensagens encaminhadas em detrimento de conteúdos produzidos pelo próprio interagente. Ainda, notou-se a recorrência das mesmas unidades discursivas reencaminhadas, ou seja, muitas unidades discursivas foram compartilhadas diversas vezes entre os grupos observados.



3.3 Problemáticas de inferência

Sobre o processo de observação em grupos de WhatsApp, diversas questões de cunho ético emergem, pois com o surgimento da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) há clivagens sobre quais são as limitações e condutas a serem adotadas por pesquisadores. É preciso refletir que a legislação é um avanço importante com relação a proteção dos dados dos cidadãos, contudo os impedimentos aventados nela inviabilizam diversas pesquisas com grupos em situação de vulnerabilidade social, como também investigações que tenham como temática assuntos políticos. Como trazer à tona informações sobre desvios de poder, com métodos que não violem a LGPD? Em nosso caso específico, como efetuar coletas de grupos de WhatsApp sobre assuntos de interesse públicos levando em consideração o disposto na lei?

Em alguns grupos de WhatsApp, o grande volume de conversas traz desafios quanto a sua análise, como também o longo período de coleta empreendido durante a investigação. De maneira direta, é importante estabelecer parâmetros sobre a quantidade de mensagens enviadas por cada um no grupo, assim como perceber quais dias têm maior número de mensagens, quantidade de links de matérias e reportagens, estabelecendo assim métricas que tenham relação com a pesquisa em andamento. Com o uso do Iramuteq, é possível aprofundar conhecimento sobre os principais assuntos falados nas conversas, como também analisar as reportagens que foram enviadas, utilizando a bagagem de outras pesquisas desenvolvidas no âmbito do grupo de pesquisa.

Também percebemos a necessidade de construir um olhar crítico e reflexivo sobre a pandemia, observando que ela é um acontecimento da vida e dos grupos de WhatsApp. Para isso, é possível que uma linha do tempo contribua para realizar tais cruzamentos. A linha do tempo como estratégia metodológica tem sido desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa e parece-nos uma perspectiva profícua para a apreensão da instância circulatória principalmente com a complexificação da midiatização e dos novos processos de interação na ambiência digital. Essa estratégia já foi empreendida



por vários participantes do grupo, como Frigo (2018) ao analisar a circulação de sentidos em relação ao voto do então deputado Jair Messias Bolsonaro no impeachment de Dilma Rousseff; Frigo et al. (2020) ressaltando nuances de discursos de ódio e intolerância; e Romero et al. (2020) como estratégia metodológica para analisar a circulação de sentidos nas plataformas digitais.

Além disso, como próximos passos da pesquisa, sinaliza-se também a possibilidade de trabalhar com grupos com características similares em detrimento da totalidade dos grupos - já que abrangem conglomerados diversos de pessoas que se conectaram devido ao trabalho, estudo, amizade, laços familiares, lazer, esporte, entre outros. A partir das pistas observadas, os grupos familiares são os mais recorrentes e esse é um caminho possível de observação mais específica futuramente. Citamos, ainda, a possibilidade de distribuição de formulários em alguns grupos selecionados, com intuito de recolher indícios sobre os interagentes e as formas de interação recorrentes nos grupos.

4 Considerações finais

Com o objetivo de descrever procedimentos metodológicos que nos auxiliem a refletir sobre fazer pesquisa em circulação no contexto da observação de grupos no WhatsApp, apontamos possíveis caminhos para o prosseguimento da pesquisa sobre discursos que circulam nos grupos em relação à pandemia do Covid-19. O estudo que vem sendo realizado desde o início da pandemia, em março de 2020, suscitou inquietações especialmente de cunho metodológico, já que muitos processos ocorreram de maneira experimental e tentativa tendo em vista as peculiaridades das investigações em plataformas digitais como o WhatsApp ainda mais quando observadas as interações sociais ali presentes.

Dessa maneira, inicialmente trouxemos de forma breve a base teórica em que o artigo está alicerçado, que se refere aos apontamentos de Becker (1993) sobre a articulação metodológica, de Braga (2017) sobre a noção de episódio comunicacional e



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

de Lebart et al. (1998) sobre a abordagem lexicométrica. A tríade mencionada contribuiu para as reflexões acerca do fazer metodológico nas pesquisas em circulação, denotando que não há uma fórmula ou manual de instruções, mas mecanismos e ferramentas que auxiliam nas investigações conforme os objetivos e singularidades referentes.

Posteriormente, adentrarmos na segunda parte do artigo, que diz respeito à descrição e avaliação dos processos de pesquisa realizados. A partir de reuniões realizadas pelos integrantes da pesquisa, percebemos a necessidade de padronização da coleta de dados, portanto, criamos um protocolo de levantamento de dados - basicamente um tutorial contendo um passo a passo de como deveria ser realizada a coleta. Em seguida, foi criado um formulário no Google para facilitar o armazenamento dos dados. Tais decisões foram tomadas com o intuito de facilitar processos posteriores da pesquisa, além de possibilitarem arquivos para consultas futuras. Nesta parte da pesquisa, notamos alguns problemas relacionados tanto à coleta como ao tratamento de dados, já que o material em circulação é diverso, ocorre de forma intensa em alguns grupos e requer avaliação constante do pesquisador sobre o tema “pandemia”.

A coleta dos dados muitas vezes tornou-se impossível de ser realizada, devido ao grande acúmulo de materiais diários em alguns grupos. Já em relação ao tratamento dos materiais, como alternativa às impossibilidades manuais, foram realizados testagens com o Iramuteq que, embora tenha ocorrido resultados satisfatórios, percebe-se que existem muitas marcas do vivido, das experiências cotidianos dos seres humanos e dos sentidos em circulação, que não são considerados em um software, como também silenciamentos e laços familiares. Em termos de métricas, seria interessante descobrir quem são as pessoas que mais conversam no grupo e quais são os principais assuntos por pessoa. Em uma abordagem quanti-quali, poderíamos observar quem encaminha, comenta ou não comenta e quais temas mais repetidos em cada situação. Por isso, sinalizamos a necessidade de trabalhar com tais ferramentas conjugadas às reflexões humanas dos pesquisadores.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Cabe mencionar também que a coleta sequencial não foi concretizada por todos os integrantes, seja por questões de cunho pessoal, técnico ou de ordem da própria pesquisa. Outro ponto considerado é a própria dinâmica da plataforma digital WhatsApp, que modifica constantemente seus mecanismos, impossibilitando muitas vezes a coleta. Ainda, há que considerar que cada pesquisador possui suas subjetividades, tratando-se de uma pesquisa coletiva, há seres diversos em ação, que tomam decisões baseadas no aporte-teórico metodológico e também em suas vivências, por exemplo, sobre o que se entende por pandemia em cada contexto temporal. Além disso, com o decorrer das pesquisas e descobertas sobre o Covid-19, as narrativas também foram modificadas.

Assim, a partir dos materiais coletados e tratados, foi iniciado o processo de análise e a publicação preliminar de pistas e indícios encontrados. Neste estágio inicial, foram observados 17 grupos no WhatsApp selecionados pela técnica bola de neve (BECKER, 1997) e coletadas cerca de mil unidades discursivas, de março a julho de 2020. As unidades discursivas (imagem, áudio, vídeo ou texto) foram categorizadas e centradas em dois eixos de observação, que são a forma e o conteúdo discursivo. Em relação à forma, as unidades discursivas foram categorizadas do seguinte modo: formatos, fontes e dinâmicas de circulação. Já quanto ao conteúdo, a análise foi realizada em dois movimentos. O primeiro caracterizou as mensagens trocadas em seis grandes grupos: noticioso, testemunhos, modelos de conduta, reflexivo, humor e crítico. Por sua vez, o segundo movimento, ainda em construção, busca levantar recorrências e pertinências temáticas. Percebeu-se uma intensa circulação de conteúdos de fontes não oficiais, institucionais ou de autoria desconhecida, a predominância de mensagens encaminhadas e a recorrência das mesmas unidades discursivas compartilhadas diversas vezes entre os grupos observados.

Em relação às problemáticas de inferências, notamos principalmente a necessidade de construir um olhar crítico e reflexivo sobre a pandemia do Covid-19, que abrange diversos aspectos da vida e dos grupos de WhatsApp. Conforme surgiam informações sobre o vírus, as narrativas, como um dos efeitos das marcas do vivido,



também se reestruturaram. Isso requer um olhar atento do pesquisador sobre as necessidades da circulação, dos fluxos, dos refluxos e dos silenciamentos, pois, se o sujeito precisa reposicionar-se a partir da atuação da pandemia, que possui marcas em fluxo adiante, cabe ao pesquisador buscar meios de compreender esses cruzamentos comunicacionais.

Para realizar tais cruzamentos, que dizem respeito ao tempo linear da pandemia, fluxos adiante na circulação e marcas do vivido, a linha do tempo parece-nos pertinente como estratégia metodológica. Sinaliza-se também, como próximos passos da pesquisa, a possibilidade de trabalhar com grupos com características similares, como os familiares, que são os mais recorrentes, já que isso contribuiria para delimitações da pesquisa. Além disso, existe a possibilidade de enviar formulários aos grupos observados (ou para alguns selecionados segundo critérios a serem definidos) com o intuito de recolher indícios sobre os interagentes, as dinâmicas de tais interações e também entendimentos sobre as narrativas comunicacionais da pandemia do Covid-19.

Referências

- BECKER, Howard Saul. Métodos de pesquisas em ciências sociais. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BIER, David. Metric Power. [S.I]: Palgrave Macmillan Uk, 2016.
- BORELLI, Viviane; KROTH, Maicon Elias. Circulação e construção de circuitos: a dinâmica do rádio. E-Compós, v. 23, 8 abr. 2020.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. Matrizes, v. 1, n. 2, p. 73-88, abr. 2008.
- BRAGA, José Luiz. Circuitos de Comunicação. In: BRAGA, J. L.; CALAZANS, R. (org.). Matrizes Interacionais: A Comunicação Constrói a Sociedade, vol.2. Campina Grande: EDUEPB, 2017.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

BRAGA, José Luiz. Polarização como estrutura da intolerância: uma questão comunicacional. In: Midiatização (in)tolerância e reconhecimento. EDUFBA: Brasília: Compós, 2020.

CARLÓN, Mario. Medios individuales, medios colectivos, y circulación transversal: desde “adentro hacia afuera” y desde “a fuera hacia adentro” (o cómo afecta la nueva circulación a las instituciones sociales). In: CASTRO, P. C. (org.). Circulação discursiva e transformação da sociedade, Campina Grande: Editora Da Universidade Estadual Da Paraíba, 2018.

DEPEXE, Sandra Dalcul. Distinção em 140 caracteres: classe social, telenovela e Twitter. 2015. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. Rizoma. Santa Cruz do Sul, v.6, n.2, dez. 2018, p. 8-40.

FRIGO, Diosana. Circulação de sentidos e a memória da ditadura civil-militar no acontecimento o “voto de Jair Bolsonaro” no impeachment de Dilma Rousseff. 2018. 140f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, RS, 2018.

FRIGO, Diosana; DALMOLIN, Aline; BORELLI, Viviane. Acontecimento, discursos de ódio e intolerância: uma análise da circulação do voto de Jair Bolsonaro no impeachment de Dilma Rousseff. In: HELLER, B.; CAL, D.; ROSA, A. P. da. (Org.). Midiatização (in)tolerância e reconhecimento. Salvador: EDUFBA, 2020.

FRIGO, Diosana; ROMERO, Luan Moraes. #EleNão: circulação de sentidos no período eleitoral em grupos de mulheres no Facebook. Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, [S.l.], v. 1, n. 4, abr. 2021. Disponível em: <https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1332>. Acesso em: 7 jun. 2021.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia da Letras, 1989.

GROHMANN, Rafael. A Comunicação na Circulação do Capital em Contexto de Plataformização. Liinc em Revista, [S. l.], v. 16, n. 1, p. e5145, 2020. DOI: 10.18617/liinc.v16i1.5145. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/5145>. Acesso em: 23 ago. 2021.

GROHMANN, Rafael. O que é circulação na comunicação? Dimensões epistemológicas. REVISTA FAMECOS (ONLINE), v. 27, p. 1-13, 2020.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

LEBART, Ludovic; SALEM, André; BERRY, Lisette. Exploring Textual Data. Text, Speech And Language Technology, [S.L.], Springer Netherlands, 1998. <http://dx.doi.org/10.1007/978-94-017-1525-6>

ROMERO, Luan Moraes. Série Vaza Jato: Análise do circuito comunicacional formado em torno das três primeiras reportagens. 2021. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

ROMERO, Luan Moraes; BORELLI, Viviane; GONÇALEZ, Pablo Furlanetto. A linha do tempo como estratégia metodológica para análises de circulação dos sentidos. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Anais... Virtual, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1805-1.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2021.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., São Paulo, v. 42, n. 2, p. 21-33, Ago. 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-58442019000200021&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 18 jan. 2021. <https://doi.org/10.1590/1809-5844201921>.

SEBEOK, Thomas; UMIKER-SEBEOK, Jean. Você conhece o meu método: uma justaposição de Charles S. Peirce e Sherlock Holmes. In: ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas (Org.). O signo de três. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VAN DIJCK, José; POELL, Thomas; DE WAAL, Martijn de. The Platform Society. Public Values in a Connective World. Nova York: Oxford University Press, 2018.

VERÓN, Eliseo. Fragmentos de um tecido. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VERÓN, Eliseo. La Semiosis Social 2: Ideas, momentos, interpretantes. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.